

Conselhos Às Mães: Manuais De Puericultura Como Estratégia Biopolítica Na Constituição De Infâncias Saudáveis E Normais

Cláudia Amaral dos Santos Lamprecht¹

Resumo

Essa pesquisa tem por objetivo investigar como manuais de puericultura de meados do século XX promoveram biopolíticas dirigidas às mães para a constituição de infâncias saudáveis e normais. Ressalto o quanto os manuais analisados desempenharam uma função pedagógica, ensinando mães e pais a como agir com suas/seus filhas/filhos, como devem alimentá-los, que ambientes e brinquedos lhes devem proporcionar, assim produzindo subjetividades, identidades e saberes. Para a realização da análise, foram utilizados, como referencial teórico, os Estudos Culturais, a partir de um olhar pós-estruturalista, e os Estudos de Michel Foucault, principalmente os conceitos de biopolítica, governmentação, saber/poder e disciplina. Como material de análise foi utilizado os manuais *A Vida do Bebê* de Rinaldo De Lamare (edições de 1944 e 1963), *Manual das Mães* de Ladeira Marques (1945), *Higiene e Puericultura* de Valdemar de Oliveira (1956), *Conselhos às Mães* de Rubens Nelson (1964) e *Meus Filhos* de Alfons Balbach (1967), procurando-se enfatizar por meio de quais estratégias discursivas os autores dos livros, investidos do saber médico, conduzia as condutas maternas e paternas; quais os saberes e os poderes colocados em circulação na subjetivação materna e paterna para a promoção de crianças normais e saudáveis; como os manuais aqui analisados constituíram-se como tecnologias para o governo das famílias e das infâncias ao longo de décadas e através de que estratégias os especialistas promoviam biopolíticas dirigidas às mães; como eram caracterizados os sujeitos infantis tidos como normais e anormais e quais eram os modelos de família, mãe, pai, educação e criança promovidos nas publicações. A partir da análise verificou-se a força do discurso médico e da psicologia como forma de subjetivar as mães, com desconsideração de outras fontes, especialmente outras mulheres; o investimento na saúde e na alimentação materna; a exaltação da amamentação como forma de alimentar física e “emocionalmente” o bebê; a maternidade como “missão” e como destino natural de toda mulher (plenitude da beleza feminina); o hospital como instituição moderna dotada de recursos científicos para acompanhar o parto (e não mais o local para onde se vai para morrer); a centralidade da mãe na vida do bebê, sendo esta responsabilizada por tudo que ocorrer com a criança; a presença do discurso religioso (cristão) para justificar ou explicar acontecimentos; o endereçamento da publicação a mães heterossexuais, casadas, brancas, de classe média e alta e urbanas; e, por fim, a visão evolutiva do desenvolvimento da criança normal na publicação ora

¹ Licenciada em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação pela UFRGS. Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre/RS.

objeto de estudo, que objetiva “garantir crianças robustas” nas palavras do pediatra Nelson (1964).

Palavras-chave: Infância, Maternidade, Manuais de Puericultura, Biopolítica.

Pieces of advice to mothers: puericulture guides as biopolitic strategy in the constitution of healthy and normal childhoods

Abstract

This research aims at investigating how puericulture guides from the twentieth century promoted biopolitics targeted to mothers to the constitution of healthy and normal childhoods. I stress how the analyzed guides performed a pedagogical role, teaching mothers and fathers how to behave with their children, how they should feed them, which environments and toys they should provide them, thus producing subjectivities, identities and knowledge. The Cultural Studies, from a poststructuralist perspective, and Michel Foucault's Studies, specially the concepts of biopolitic, government, knowledge/power and discipline were used as theoretical background in conducting the analysis. The guides *A Vida do Bebê* by Rinaldo De Lamare (1944 and 1963 editions), *Manual das Mães* by Ladeira Marques (1945), *Higiene e Puericultura* by Valdemar de Oliveira (1956), *Conselhos às Mães* by Rubens Nelson (1964) and *Meus Filhos* by Alfons Balbach (1967) were used as analysis material, seeking to emphasize through which discursive strategies the authors of the books, vested of medical knowledge, conducted maternal and paternal behaviors, which were the knowledge and powers put in circulation in the maternal and paternal subjectification to promote normal and healthy children; how the analyzed guides constituted technologies to govern families and childhoods throughout the decades and through which strategies the specialists promoted biopolitics targeted to mothers; how the infant-subject regarded as normal and abnormal was characterized and which were the models of family, mother, father, education and child promoted in the books. From the analysis it was verified the strength of the medical and psychological discourse as a way of subjectify mothers, with disregard of other sources, specially other women; the investing in the maternal health and nutrition; the exaltation of breastfeeding as a way of physically and “emotionally” feed the baby; the motherhood as “mission” and as natural destiny of every woman (fullness of feminine beauty); the hospital as modern institution endowed with scientific resources to attend the childbirth (and not the place where you go to die anymore); the mother's centrality in the baby's life, being her the responsible for everything the happens to the child; the presence of the religious discourse (Christian) to justify or explain happenings; the addressing of the publication to heterosexual mothers, married, white, of urban middle and high-classes; and, finally, the evolutionary perspective of the development of the normal child in the publication that is now the object of this study, which aims at “ensuring robust children” in the words of the pediatrician Nelson (1964).

Key-words: Childhood, Motherhood, Puericulture Guides, Biopolitic.

APRESENTANDO A PESQUISA

Essa pesquisa tem por objetivo investigar como manuais de puericultura de meados do século XX promoveram biopolíticas dirigidas às mães para a constituição de infâncias saudáveis e normais. Ressalto o quanto os manuais analisados desempenharam uma função pedagógica, ensinando mães e pais a

como agir com suas/seus filhas/filhos, como devem alimentá-los, que ambientes e brinquedos lhes devem proporcionar, assim produzindo subjetividades, identidades e saberes. Para a realização da análise, foram utilizados, como referencial teórico, os Estudos Culturais, a partir de um olhar pós-estruturalista, e os Estudos de Michel Foucault, principalmente os conceitos de biopolítica, governmentação, saber/poder e disciplina. Como material de análise foi utilizado os manuais *A Vida do Bebê* de Rinaldo De Lamare (edições de 1944 e 1963), *Manual das Mães* de Ladeira Marques (1945), *Higiene e Puericultura* de Valdemar de Oliveira (1956), *Conselhos às Mães* de Rubens Nelson (1964) e *Meus Filhos* de Alfons Balbach (1967), procurando-se enfatizar por meio de quais estratégias discursivas os autores dos livros, investidos do saber médico, conduziam as condutas maternas e paternas; quais os saberes e os poderes colocados em circulação na subjetivação materna e paterna para a promoção de crianças normais e saudáveis; como os manuais aqui analisados constituíram-se como tecnologias para o governo das famílias e das infâncias ao longo de décadas e através de que estratégias os especialistas promoviam biopolíticas dirigidas às mães; como eram caracterizados os sujeitos infantis tidos como normais e anormais e quais eram os modelos de família, mãe, pai, educação e criança promovidos nas publicações. Ressalto a produtividade de tais manuais que produzem e/ou transformam as experiências que mães e pais têm de si mesmas/mesmos ao lerem tais livros, isto é, práticas, discursos e identidades são fabricados através dessa leitura.

A Medicina Como Estratégia Biopolítica

Em seu texto *A Governamentalidade*, Foucault (2003) explica que foi na segunda metade do século XVIII, com a emergência da problemática da população², que a família tornar-se-á “segmento privilegiado, na medida em que, quando se quiser obter alguma coisa da população [...] é pela família que se deverá passar” (p. 289); nesse sentido podemos fazer uma relação de tal emergência com as campanhas de vacinação, por exemplo, ou com os manuais aqui analisados. Para Jacques Donzelot (2001), esse período é marcado por uma “passagem de um governo das famílias para um governo através das

2 A população até o século XVIII era considerada um dos elementos do soberano, juntamente com o território e as riquezas. A partir desse século, a população deixa de ser uma noção jurídica política de sujeitos e passa a ser um objeto técnico político de uma gestão e governo (FOUCAULT, 2007).

famílias” (p. 86). A família torna-se *mecanismo* de proteção da infância pobre, da aliança mãe-médico, de promoção da escola, dentre outras dimensões.

A partir da problemática colocada pelos fenômenos relativos à população³, o Estado precisará reorganizar-se em suas estratégias, com vistas a organizar a população e, então, promover a vida, através de políticas públicas (biológico a serviço do político). A biopolítica emerge como uma resposta econômica e política a esses fenômenos específicos e variáveis próprias da população, como, por exemplo, natalidade, morbidade, expectativa de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência de doenças, formas de alimentação, condições de habitat, criminalidade, dentre outras. Essa tecnologia visa, assim, o equilíbrio global, “[...] a segurança do conjunto em relação aos seus perigos internos” (FOUCAULT, 1999, p. 297). Todas essas questões de longa duração passam a fazer parte dos cálculos do Estado, visando também à maximização das forças e da vida. Assim, a biopolítica olhará para o corpo enquanto espécie, para gerir e dispor sobre a vida e sobre a morte, administrar processos biológicos, assegurar sua regulamentação (fazer viver), através de uma política de saúde que vise “intervir nas condições de vida, para modificá-las e impor-lhes normas” (FOUCAULT, 1997, p. 86). Para gerir a população, a biopolítica utilizar-se-á dos saberes produzidos pela estatística e pela demografia, assim como da medicina⁴ para higienizar e medicalizar a população, para ampliar a expectativa de vida e aumentar as forças dos corpos, tornando-os mais saudáveis, mais úteis e mais organizados.

Foucault nos chama atenção, no primeiro volume de *História da Sexualidade* (1988), para a emergência de novos mecanismos de poder ao longo do século XVIII e XIX que visavam o controle das populações, através da gestão da vida biológica (estratégias biopolíticas) e do controle dos corpos individuais (técnicas disciplinares). Nesse sentido, o biopoder atua em dois níveis: do corpo individual e do corpo populacional; disciplina e biopolítica, como afirma Foucault, se apoiam e se complementam nas diferentes instituições em que o sujeito se encontra, através de operações individualizantes sobre o corpo e daquelas que visam aos fenômenos relativos à população.

3 Como a população é composta de indivíduos diferentes, cujo comportamento não se pode prever, a tecnologia governamental procurará articular o interesse individual ao do Estado, através da produção do interesse coletivo (governo do desejo da população).

4 A medicina e a higiene passam a ter um caráter de “autoridade social incontestável” em termos de infância, principalmente, a partir das pesquisas de Louis Pasteur, no campo da epidemiologia, que teve efeitos concretos na redução da mortalidade infantil (KUHLMANN JUNIOR, 2001).

No caso deste estudo, o governo⁵ das condutas maternas e paternas visa à produção de mães e pais responsáveis e de crianças com um bom desenvolvimento físico, cognitivo e psíquico. A partir disso, aponto a produtividade e a positividade dessa forma de poder que visa à promoção da saúde e da educação da criança, bem como à produção de sujeitos mais inteligentes e equilibrados emocionalmente no futuro.

Nesse sentido, entendo que os manuais analisados nesse estudo buscam governar os corpos infantis através de estratégias de poder/saber que atuam sobre as práticas promovidas por mães e pais. Tais manuais ao descrever os sujeitos infantis, sejam meninas ou meninos, desta ou daquela forma, os está constituindo, produzindo e estabelecendo formas de governá-los.

Nessa direção, o sujeito (no caso mães e pais) tem de ser visto como sujeito de suas escolhas; a ele deve ser dada diretamente a possibilidade de pensar que pode ser livre para fazê-las, pois, assim, os efeitos do poder se tornam invisíveis e mais produtivos, além de serem muito mais longos do que se fossem da ordem da violência⁶. Esta, nos adverte Foucault, só pode ocorrer em uma sociedade na qual os sujeitos são livres, sendo tais práticas de liberdade inseridas pela cultura.

Um dos ramos que levará a contento o propósito da medicina social será a Puericultura. Como descreve Maria Manuela Ferreira (2000), esta estaria vinculada aos cuidados da criança do pré-natal aos três anos de idade, propondo “um caráter mais descentrado da criança, globalizante e coletivo, porque procurará questionar, articular e intervir eficazmente nas diferentes relações bio-sócio-culturais que em seu torno se entrecruzam” (p. 88), enquanto a Pediatria constitui-se mais pelo estudo fisiológico da criança entre os 0 aos 12 anos de idade. Para a autora referida acima,

5 Governo, seguindo a sugestão de Veiga-Neto (2002), é utilizado nessa pesquisa como abrangendo ações direcionadas e calculadas para que se possa obter determinados comportamentos e condutas, “distribuídas microscopicamente pelo tecido social” (ibidem, p. 21). O governo implica cálculos e estratégias para produzirem no indivíduo posturas, escolhas e desejos que tenham determinadas finalidades; no dizer de Foucault (1995, p.244) “o exercício do poder consiste em ‘conduzir condutas’ e em ordenar a probabilidade”.

6 De forma simples, poderíamos diferenciar poder de violência da seguinte maneira: o primeiro governa a ação alheia, através de estratégias de poder/saber; já o segundo governa o corpo do outro, não sendo este “livre” para escolher (compreendendo sujeitos livres como aqueles que têm diante de si um campo de possibilidades de ação).

[...] a Puericultura será, pelas suas atribuições, a ciência médica eleita por melhor se adequar a perseguir tais propósitos junto das populações e, em particular, das mães. Encontrará na educação, o mecanismo social privilegiado para desencadear uma cruzada civilizadora que se pretende não apenas curativa (a partir da Pediatria e centrada no indivíduo), mas preventiva, educativa, centrada no coletivo social. [...] onde os médicos são os arautos de uma nova ordem sócio cultural (p. 88-89).

Ladeira Marques nas páginas iniciais de seu *Manual de Mães*, manifesta-se nesse sentido, explicando que “a medicina do futuro será essencialmente preventiva. A medicina do passado, essencialmente individualista, encarando em si o doente como unidade patológica cede o passo, no momento, às grandes realizações da medicina social relativas à proteção da coletividade” (1945, p. 15).

A Puericultura, dessa forma, endereçará seus preceitos às mães e às normalistas através de cursos e manuais, visando prioritariamente educar a população feminina em relação às crianças. Dessa forma, a educação também será alvo de investimentos dos médicos, pois a “verdade” médica precisava ser ensinada a mães e professoras para que uma infância higiênica, saudável e normal pudesse se constituir e, conseqüentemente, produzisse uma nação forte e saudável.

O DISCURSO MÉDICO NOS MANUAIS

Como poderemos ver ao longo desse trabalho, a legitimação do médico para falar sobre a saúde da criança será constantemente reafirmada por certas “credenciais”, ou seja, o poder de legitimação do discurso médico se deve ao fato deste fazer parte de uma instituição que lhe dá suporte para afirmar determinadas coisas e negar outras. Dessa forma, na edição de 1963, De Lamare recomenda que as mães não dêem ouvidos a conselhos de outras pessoas que não o pediatra, principalmente, “comadres” e avós, por serem frutos de credices que não possuem nenhuma comprovação científica ou até prejudicam o estado de saúde do bebê. Assim, essas avós e comadres não podem falar de um campo, no qual não estão inseridas e, a partir disso, o médico desconsidera o discurso da crença popular, promovendo uma separação entre o discurso verdadeiro – a ciência, no caso, a medicina - e o falso – o saber popular.

Um exemplo disso é a tumefação da mama do recém-nascido. Segundo De Lamare (1963), esse problema é causado pela hipertrofia das glândulas mamárias do recém-nascido e, quando espremida, jorra um líquido semelhante ao leite materno, denominado na crença popular de “leite de bruxa”. A voz da ciência pronuncia-se da seguinte forma sobre essa denominação: “sendo um fato normal, não há, absolutamente, razão para dar interpretações feiticeiras, traduzindo ignorância de quem as pronuncia” (p. 21).

Em outra passagem, De Lamare (1963) explica algumas doenças que acometem o recém-nascido e informa qual era a causa da doença conhecida popularmente como mal dos sete dias. “É pelo umbigo do recém-nascido que lhe penetra a infecção, provocando o tão temido **mal dos sete dias** que, em tempos idos, quando não se tinham as noções primordiais de higiene e assepsia da ferida umbilical, enchia o cemitério de pequenos inocentes, vítimas da ignorância da época” (p. 24, grifos do autor). De Lamare, sem dúvida, é um homem de sua época, que acredita nos benefícios e no progresso da ciência moderna. Para ele, a morte de crianças pequenas é fruto da ignorância que a ciência pretende eliminar. Por vezes, o autor utiliza-se da ironia para falar de tais crendices, como no caso do tétano. “O povo teme o prego ‘enferrujado’ e, segundo alguns, queimando o prego logo depois de ter ferido o pé, nada acontecerá... Melhor prática seria talvez a de queimar o pé, pois a outra de nada adiantará...” (ibidem, p. 276). O recurso utilizado por De Lamare – a ironia – visa tornar problemáticas as relações estabelecidas pela tradição da cultura popular, subjugando-o ao saber da medicina.

Ladeira Marques, no *Manual de Mães*, pronuncia-se sobre o uso de faixas⁷ (em 1945), utilizando-se para isso também o recurso da ironia: “é de boa regra que seja dispensada a touca e abolido o cinteiro e as faixas, denominadas faixas italianas, que outra função não parece ter do que converter a criança em verdadeiro bife à milanesa...” (p. 36). Para esse médico, os manuais são justamente importantes e úteis “[...] sobretudo entre nós, onde esta arte tão simples e tão necessária é geralmente desconhecida, e tantos obstáculos encontra na ignorância popular, nos preconceitos, em costumes tradicionais, e o que é pior, na falsa presunção de muita gente” (prefácio). Nesse sentido, o médico advoga pelo fim das “[...] velharias do chá de sabugueiro⁸, purgativo, lavagem, papel vermelho nas vidraças, etc... como

7 Balbach no seu manual também se pronuncia pela abolição das faixas, em 1967.

8 Balbach, ao contrário, recomenda o chá de sabugueiro nos casos de sarampo.

desnecessárias e prejudiciais⁹” (ibidem, p. 129) e contra os saberes proferidos principalmente por mulheres, como, por exemplo, no trecho referente à criança que é a acometida por uma convulsão “pressurosamente acode a comadre com o purgante, a vizinha ‘entendida’ interfere com fricções de vinagre e inalações de amônia, e a titia solteirona propões escalda-pés e mesmo o sinapismo causticante” (ibidem, p. 167). Para o especialista, tais “asserções populares” (sic) não fazem parte da medicina atual preconizada ao longo do livro, que está submetido a uma doutrina “clássica e rigorosamente calcada nos cânones da moderna ciência pediátrica” (prefácio).

Em *Meus Filhos* (1967), Alfons Balbach também credita às avós uma série de equívocos realizados pelas mães, já que “não são poucos os erros higiênicos que as mães cometem em relação aos seus filhos, principalmente quando se deixam influenciar pelas avós¹⁰. Quantas vezes se mostram refratárias ao conselho médico” (p. 150-151). O autor embora afirme recorrentemente a ciência como uma luz que elimina as trevas da ignorância, o manual é fortemente carregado de um discurso religioso, que se manifesta através de citações da Bíblia, de orações e de histórias com fundo moral e religioso.

Em outro trecho, assim De Lamare (1963) se refere às mulheres que propagam conhecimentos não científicos:

Duas tarefas que nunca serão passadas a outros: amamentar e educar o seu filho. Para tal, as mães devem aceitar apenas a colaboração de parentes e amigos, conselhos do médico, mas orientação e amor só seus. Quando o casal mora só, tudo é mais fácil. Com avós, sogros ou parentes as coisas se complicam. Não somos inimigos das avós, sogros ou títias, quando êstes, inteligentemente, sabem agir dentro dos limites úteis, com tôda sinceridade e afeição, mas sim, quando desejam furtar a autoridade dos pais, ou impor pretensiosamente, sua opinião sôbre a do especialista (p. 11-12).

Nos diferentes trechos citados, vemos a legitimidade do médico e a responsabilidade para com pais, mães e crianças. Além disso, a mãe “moderna e consciente” deve realizar todos os procedimentos indicados pelos

9 Recursos esses utilizados pela credence popular nos casos de sarampo.

10 A avós e as tias também são acusados pelo autor de contar histórias para assustar as crianças.

especialistas, desconsiderando outras fontes orais, como, por exemplo, outras mães, avós, etc.

Além do médico, o hospital surge como instituição moderna dotada de recursos científicos para acompanhar o parto (e não mais o local para onde se vai para morrer), conforme Nelson (1964).

Ademais é importante ressaltar que nesses manuais da metade do século XX competia ao médico também avaliar a educação da criança (tema presente em todos os manuais analisados). Um exemplo disso é a passagem, na qual Ladeira Marques compara a criança a uma planta, relação já estabelecida, por Rousseau no século XVIII.

Assim como a planta jovem exige do agricultor cuidados especiais, para orientar o crescimento do caule, zelar pelo adubo e irrigação do solo e destruição das larvas e parasitas, para que possa vicejar frondosamente a árvore futura, da mesma forma, faz-se necessária a assistência médica ao petiz, não só nas ocasiões de doença para auxílio ao organismo na luta contra germes infecciosos, como também para permitir ao médico, nos períodos de saúde, zelar pela boa orientação e regularização do regime, fiscalizar a curva de peso e crescimento, observar o desenvolvimento da inteligência e das funções motoras, defender a criança dos agravos que lhe possam proporcionar as falhas da educação, orientar os exercícios físicos, além de um sem número de providências e conselhos de educação e higiene que não só proporcionem melhores condições de saúde e desenvolvimento físico ao indivíduo adulto, como, também, melhores condições de equilíbrio e disciplina na vida social (1945, p. 1960).

INFÂNCIAS SAUDÁVEIS E NORMAIS

Ao longo dos manuais a preocupação com a normalidade é uma constante, como poderemos ver explicitada no caso da alimentação: “este livro estuda e ensina a criar o bebê normal, ‘a criança ideal’, que todas as mães desejam ter como filho. E por tal as fórmulas e os regimes alimentares indicados, são para crianças absolutamente normais” (DE LAMARE, 1944, p. 64).

Para o pediatra em questão, são considerados “bebês-anormais e doentes” (penúltimo capítulo do livro) as crianças exsudativas, hipotróficas¹¹, hipoplásticas¹², linfáticas¹³, nervosas, prematuras e débeis. Nesse sentido, o autor considera que:

Vamos apresentar neste capítulo o bebê de constituição anormal; até agora estudamos o tipo padrão, o bebê que toda mãe deseja ter como filho, infelizmente isto nem sempre acontece daremos então algumas informações sobre os tipos anômalos mais comumente observados (DE LAMARE, 1944, p. 314).

Nessa última passagem, percebemos o quanto os padrões de normalidade regem os comportamentos, a saúde, o desenvolvimento e o quanto certos “desvios” dessa rota de mão única podem marcar o bebê como um indivíduo diferente, ou, ainda, como um anormal. Para Silva (2000) “a normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença” (p. 83). Assim, a identidade normal deve ser vista como natural, positiva, única e desejável, como se depreende do excerto acima, no qual o autor afirma que o bebê normal, o tipo padrão, é o desejo de toda mãe.

Dentre os bebês-anormais, o bebê nervoso é a figura mais recorrente nesse manual. Vários problemas apresentados pelo bebê são explicados porque a criança “é nervosa”. Um exemplo disso podemos localizar nas causas para o choro no bebê de menos de um mês. Dentre as causas, está o “nervosismo”, ou seja:

Quando a criança chora sem, entretanto se conseguir identificar uma causa aparente, pode correr este por conta dum temperamento nervoso, neuropatia. Nestes casos é preciso ter muita disciplina e método de vida, horário, silêncio e quarto escuro. A administração de sedativo (metade dum Luminaleta) as vezes é aconselhável, e outras até a chupeta resolve a situação (DE LAMARE, 1944, p. 78).

11 Aquelas que têm dificuldade em engordar. De Lamare afirma que os bebês magros e subnutridos adquirem a “[...] fisionomia o aspecto da de macaco, ou então do velhinho” (1944, p. 327).

12 Aquelas que não crescem como o desejado. De Lamare explica que esse bebê “é chamado de ‘menino miniatura’, como o filho do japonês” (1944, p. 324).

13 Aquelas que facilmente produzem ínguas.

Como explicita De Lamare, desde o primeiro mês, pode-se verificar “se o desenvolvimento da inteligência do bebê está se processando normalmente” (1944, p. 100). Por isso, o bebê deveria responder positivamente às provas elaboradas por Charlotte Bühler e Hildegard Hetzer¹⁴. Nesse contexto, desde o primeiro mês são apresentadas cinco provas ou testes¹⁵ (são usadas ambas as designações ao longo de *A Vida do Bebê*) que avaliam as respostas do bebê a reflexos, sons, estímulos visuais, além de monitorarem a coordenação motora e acompanharem seu comportamento em relação às pessoas.

Em testes como estes, a diferença é vista como falta, déficit, incapacidade. Como explica Kincheloe (2004¹⁶), a psicologia somente busca “um conjunto culturalmente específico de indicadores de aptidão. Desta maneira são recusadas tanto inteligências quanto indivíduos de culturas diferentes” (p. 19), porque são procurados determinados traços de inteligência com os quais a psicologia está familiarizada, privilegiando um determinado tipo de inteligência, principalmente aquela vinculada a funções mentais requeridas pela maioria dos testes de inteligência.

Kincheloe também postula que a inteligência não é um fenômeno individual, mas social e histórico, considerando a noção de desenvolvimento infantil como uma invenção cultural, e as fases do desenvolvimento, como uma estratégia de monitoramento e vigilância sobre aqueles considerados anormais – aqueles que não correspondem ao padrão. Os especialistas, nessa lógica, assumiriam a posição de fiscais e “recuperadores” daqueles que se desviam.

O referencial da psicometria e da psicologia do desenvolvimento que, embasam tais testes, acreditam em elementos universais, dando pouco (ou nenhum) peso às questões históricas e culturais que atuam sobre o sujeito. Além disso, acreditam na determinação genética e na maturação da inteligência, assim como consideram uma determinada racionalidade como definição de inteligência (ALMEIDA, 1983). Ademais, tais testes, a partir de algumas abordagens, são vistos como medindo outras variáveis, como classe social, raça/etnia, gênero, dentre outras.

14 Charlotte Bühler (psicóloga alemã, nascida em 1893 e falecida em 1974) e Hildegard Hetzer (psicóloga alemã, nascida em 1899 e falecida em 1991) escreveram juntas o livro “O Desenvolvimento da criança do primeiro ao sexto ano de vida – testes: aplicação e interpretação”.
15 Na década de 1960 De Lamare também utilizava testes para averiguar a formação da personalidade.

16 Todas as traduções desse texto são de minha responsabilidade.

TELEOLOGIAS

Tendo em vista tal percurso, na presente seção objetivo problematizar que modelos de mãe, de pai, de família e de criança presentes nos manuais constituem os ideais almejados pela publicação; de que forma as características de mães e de pais adquirem importância no afã de governar os sujeitos para torná-los responsáveis por um determinado projeto político que visa assegurar a vida dos pequenos e, enfim, de que maneira a organização das relações conjugais e a forma de criação das crianças sustentam metas políticas mais amplas.

Mães, embora pais sejam citados em algumas passagens de manuais, são às leitoras que esse tipo de publicação é endereçado, conforme fica explicitado no subtítulo de *A Vida do Bebê* (1944): “ensinamentos e conselhos, modernos e práticos, escritos especialmente para as mães, criarem e educarem o seu filho, desde o 1.º dia de vida, até completar os 2 anos, justamente na idade mais importante, difícil e interessante do ser humano”.

Práticas como as descritas anteriormente, atribuídas exclusivamente às mães, são justificadas por De Lamare (1944, p. 226) da seguinte maneira:

Toda mãe deve saber exercer, com certo desembaraço e confiança algumas práticas médicas infantis. Práticas estas de uso diário e indispensáveis na assistência ao bebê doente ou sadio. Quão triste não é para o médico de crianças ao prescrever certa medicação, ouvir como resposta da jovem mãe: ‘Dr. não sei fazer isto...’ As mães devem mandar as suas filhas cursarem aulas de Puericultura antes de deixá-las casar, e estamos certos de que dia virá, no qual a educação duma jovem não estará completa sem antes ter obtido o seu Diploma em cursos de Puericultura, figurando o mesmo ao lado dos certificados da 1.ª Comunhão e do Colégio¹⁷.

Como em muitos discursos presentes em nossa cultura, De Lamare supõe que o bom exercício da maternidade dependa do grau de instrução, da preparação da mulher para ser mãe (através da frequência a cursos específicos) e do acompanhamento do médico desde a gravidez.

Ademais, o pai também é referido, na edição de 1944, como importante na manutenção de ambiente de tranquilidade na casa durante, principalmente,

17 Ressalto a importância dada pelo pediatra à religião católica.

o período da amamentação, e recebe inclusive um “conselho” do autor: “e aqui fica um conselho para os maridos e pais, (se é que leem livros desta natureza): não briguem nem discutam com as esposas enquanto amamentam, pois, com isto, podem estar tirando o alimento do seu próprio filho!” (DE LAMARE, 1944, p. 49-50). Dessa forma, podemos pensar que nesses manuais não é o relacionamento do casal que importa, mas a promoção de um ambiente (lar) equilibrado para o bom desenvolvimento infantil, pois o foco, nessa publicação, é a criança.

É na primeira página de *A Vida do Bebê* (1944) que encontramos a concepção mais ampla sobre como deve ser a postura dos pais frente à educação da criança, a partir do momento que o bebê nasce.

Não se trata da Educação no sentido comum, a de gestos e palavras, sim a Educação Superior, espiritual, de hábitos, sentimentos e sobretudo de caráter. Um filho significa maior sacrifício do que qualquer outro, os pais devem convencer-se de que quando ganharam o filho perderam a sua liberdade, o conforto das noites bem dormidas, as diversões inesperadas, adquiriram o dever de sopitar as paixões e inclinações íntimas... enfim no meio de todo prazer e alegria, de preocupações e aflições, devem compreender a exata finalidade da sua missão exteriorizada na forma sublime da **abnegação**.

Entretanto nada é exigido para ser pai ou mãe [...] temos a certeza que, se maiores precauções fossem tomadas neste sentido, estariam muito mais vazias as Penitenciárias e os Cemitérios... (p. 13-14, grifos do autor).

Como já referido anteriormente, a abnegação torna-se a característica mais desejável que mães (principalmente) e pais deveriam possuir para educar um filho ou uma filha. E é por grande parte dos pais e das mães não a possuírem é que penitenciárias e cemitérios encontram-se lotados, segundo De Lamare.

A educação da criança na edição de 1944 de *A Vida do Bebê* é discutida em capítulo à parte, ao final do manual (capítulo 25). Para o pediatra,

[...] A educação da criança deve começar no 1.º dia de vida, mas para bem levá-la a termo, é necessário que seus pais também a tenham, e mais do que tudo possuam um estado psicológico perfeitamente equilibrado e orientado, afim de que possam interpretar as reações e atitudes mentais do seu filho e aplicar medidas seguras e úteis. [...]

O primeiro ato de quem vai começar a educar uma criança será executado logo no primeiro dia de nascido, estabelecendo horário das mamadas, e os psicólogos estão todos acordes que esta disciplina das mamadas estabelece no psiquismo do jovem sêr estado mental favorável à futura educação, concorrendo assim para a noção da formação de hábitos úteis à vida infantil (DE LAMARE, 1944, p. 329-330).

A edição de 1944 apresentava a educação como a formação de hábitos e comportamentos. Nessa perspectiva, a criança é vista como uma tábula rasa, com uma essência moldável (como descreve John Locke), sendo a educação o meio pelo qual a má natureza da criança seria corrigida tão logo ela nasça. Por fim, para o autor de *A Vida do Bebê* “a educação e a disciplina do bebê influirão decisivamente sobre a saúde do mesmo” (ibidem, p. 46). Assim, para educar o bebê os pais deverão dar bons exemplos, agir com justiça e imparcialidade e estimular o raciocínio, evitando comparações, promessas não cumpridas, embustes, ridículos, humilhações, adulações, intimidações e contato com os criados, pois estes últimos “[...] estragam a educação dos meninos” (ibidem, p. 336).

CONSIDERAÇÕES

A partir das análises pode-se apontar que, nesses manuais, os autores aconselham, principalmente, as mães a incutir bons hábitos de saúde e educação nas crianças desde cedo, além de promover hábitos e comportamentos tidos como positivos, utilizando-se para isso de um discurso especializado, no caso, a pediatria, a higiene e a puericultura, principalmente. Tal investimento na infância objetiva a promoção de adultos normais, saudáveis e disciplinados, sendo o fracasso desses objetivos, em muitos casos, atribuído à mãe por não ter seguido à risca as recomendações médicas. Tais discursos, muitas vezes, desconsideram a realidade, a rede de proteção social a que ela tem acesso e as condições sociais e culturais vividas pelas diferentes configurações familiares, uma vez que possuem como modelo casais casados e heterossexuais, de classe média e alta e urbanos, nos quais a mãe cuida da criança e do lar, enquanto o pai trabalha para sustentar a família.

Ademais, é preciso ressaltar que grande parte dos investimentos médicos desses manuais pretende desqualificar as credences populares e os conselhos dados por outras pessoas que não o especialista, desconsiderando que,

inclusive, o discurso médico é um discurso que pode ser datado historicamente, como vimos em diversos conselhos prescritos na metade do século que nos dias de hoje são também vistos como credices ou como não verdadeiros.

No caso do desenvolvimento infantil, as crianças devem ser constantemente testadas, descritas e analisadas no detalhe por suas mães. Através da vigilância permanente do seu bebê e do acompanhamento do que a criança já é capaz de fazer, a mãe torna-se uma fiscal do desenvolvimento da criança, devendo recorrer aos *experts*, caso ela observe algo anormal nesta. Assim, este exame da criança começa antes mesmo de ela estar inserida numa instituição, como, por exemplo, a escola, e inicia em casa, a partir do olhar materno. Dessa forma, o manual, ao intervir na família, visa prevenir futuros problemas e normalizar aqueles encontrados.

Ademais, pode-se perceber que tais manuais fizeram (e ainda fazem) parte de um dispositivo que visa, através de mães bem instruídas, promover biopolíticas que buscam a constituição de crianças saudáveis, disciplinadas, inteligentes e normais, assegurando através da medicalização das crianças e das famílias controle social pela Medicina.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro. **Teorias da inteligência**. Porto: Edições Jornal de Psicologia, 1983.

BALBACH, Alfons. **Meus Filhos**. São Paulo: A Edificação do Lar, 1967.

DE LAMARE, Rinaldo. **A Vida do Bebê**. 3ªed. Rio de Janeiro: Ed. Freitas Bastos, 1944.

_____. **A Vida do Bebê**. 17ªed. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1963.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FERREIRA, Maria Manuela. **Salvar corpos, forjar a razão**: contributo para uma análise crítica da criança e da infância como construção social em Portugal: 1880-1940. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. A governamentalidade. In: _____. **Microfísica do poder**. 18 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003, p. 277-293.

_____. **Nacimiento de la biopolítica**: Curso en el Collège de France: 1978-1979. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2007.

KINCHELOE, Joe. Fundamentos de uma psicología educativa democrática. In: _____. ; STEINBERG, Shirley R. ; VILLAVARDE, Leila E. (comps). **Repensar la inteligencia**: hacer frente a los supostos psicológicos sobre enseñanza y aprendizaje. Madrid: Morata, 2004.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

MARQUES, Ladeira. **Manual das mães**. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1945.

NELSON, Rubens. **Conselhos às mães**: cuidados pré-natais da mãe em perspectiva. 2. Ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1964.

OLIVEIRA, Valdemar. **Higiene e Puericultura**. 9. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1956.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção da identidade e da diferença. In: _____. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

VEIGA-NETO, Alfredo. Coisas do governo... In: RAGO, Margareth ; ORLANDI, Luiz B. Lacerda ; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzchianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 13-34.

*Recebido em abril de 2014.
Aprovado em julho de 2014.*